

PPGSOL2430 – SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO**2º SEMESTRE DE 2026****PROGRAMA DE DISCIPLINA***Autorização do religioso, subjetivação neoliberal e disputas hegemônicas*

Professor:	Paulo Gracino Junior	Contato:	paulo.junior@unb.br
Período:	2026.2	Carga horária:	60 horas
Créditos:	4	Nível:	Mestrado e Doutorado
Número de encontros:	15	Aulas:	Segundas-feiras, das 14h às 17h50
Período das aulas:	17 de agosto a 14 de dezembro de 2026	Local:	a definir

1. EMENTA

A disciplina examina a religião a partir das operações históricas, discursivas, institucionais e econômicas pelas quais determinadas práticas, objetos, sujeitos e coletividades são reconhecidos, regulados ou recusados como religiosos. Em lugar de perguntar apenas “o que é religião?”, o curso investiga quem está autorizado a definir, representar e fazer circular o religioso, mediante quais dispositivos de poder e com quais consequências. Serão consideradas, nesse processo, as relações entre autorização, classificação, mercantilização, patrimonialização e despossessão, observando-se como práticas e objetos podem alcançar novos circuitos de circulação e, simultaneamente, escapar da autoridade daqueles que os produziram.

A primeira unidade reconstrói criticamente a formação da religião como categoria da teoria social. Os autores clássicos serão revisitados como participantes de uma genealogia moderna que separou religião, política, economia e sociedade. A teoria da secularização será discutida como processo histórico, narrativa da modernidade, regime de conhecimento e forma de organização das fronteiras entre o religioso e o secular. A unidade examinará ainda as condições históricas nas quais a religião pôde ser definida como uma esfera universal e projetada sobre sociedades nas quais política, parentesco, economia, direito e culto não constituíam domínios separados.

A segunda unidade aborda a religião como prática de governo e dispositivo de subjetivação, examinando as relações entre poder pastoral, neoliberalismo, moralidade, família, masculinidade, trabalho, afetos, ressentimento, sofrimento social e produção de sujeitos empreendedores. Serão analisadas diferentes formações religiosas no cristianismo, no islamismo e no nacionalismo hindu, com atenção às configurações assumidas por essas relações no Sul Global. A unidade considera também a privatização do bem-estar e dos riscos, a reorganização da assistência religiosa, a mercantilização das práticas e a participação de organizações religiosas na produção de condutas ajustadas às exigências do mercado.

A terceira unidade investiga as condições pelas quais sujeitos constituídos no interior de dispositivos religiosos podem rearticular as próprias racionalidades que os governam, convertendo-as em gramáticas de crítica, contraconduta e ação coletiva. Examina-se também como afetos, sofrimentos e formas de subjetivação podem ser articulados politicamente por meio da produção de antagonismos e cadeias de equivalência. A partir do diálogo entre Foucault, Butler, Laclau e Mouffe, serão discutidas as relações entre performatividade, hegemonia, populismo, soberania pós-colonial e disputas pela autorização e pela representação pública do religioso. O curso privilegiará casos do Brasil, da América Latina, da África, do Oriente Médio e da Ásia, articulando teoria sociológica e análise empírica.

2. OBJETIVO GERAL

Investigar a produção histórica e política do religioso e do secular, compreendendo a religião como categoria de classificação, tecnologia de governo, espaço de subjetivação e terreno de disputas hegemônicas, com atenção às configurações contemporâneas do neoliberalismo e às formas de contestação que podem emergir no interior dos próprios dispositivos religiosos.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconstruir criticamente a formação da religião como categoria sociológica e política;
- Examinar as relações entre teoria da secularização, modernidade, cristianismo, colonialidade e constituição do Estado;
- Analisar os processos pelos quais determinadas práticas, objetos e coletividades são autorizados ou recusados como religiosos;
- Discutir as relações entre autorização, circulação, patrimonialização, mercantilização e despossessão;
- Analisar o poder pastoral e as instituições religiosas como dispositivos de governo das condutas;
- Investigar as afinidades, ressonâncias e tensões entre religião, neoliberalismo e moralidade tradicional;
- Examinar a participação de organizações religiosas na privatização do bem-estar, dos riscos sociais e das formas de assistência;
- Compreender os processos de produção de subjetividades religiosas, considerando trabalho, gênero, masculinidade, afetos, ressentimento, sofrimento e economia moral;
- Discutir as relações entre contraconduta, performatividade, antagonismo e articulação hegemônica;
- Analisar comparativamente formas de populismo, nacionalismo religioso, conservadorismo e contra-hegemonia no Sul Global;
- Desenvolver instrumentos teóricos e metodológicos que possam ser incorporados às pesquisas de mestrado e doutorado dos estudantes.

4. METODOLOGIA DE TRABALHO

A disciplina será organizada como um seminário de pesquisa. Os encontros combinarão uma apresentação inicial do problema teórico pelo professor, discussão coletiva das leituras obrigatórias, exposições dos estudantes e análise de materiais empíricos, tais como documentos públicos, vídeos, pronunciamentos religiosos, campanhas políticas, conteúdos digitais, decisões estatais e controvérsias envolvendo o reconhecimento, a classificação e a circulação do religioso.

As leituras deverão ser realizadas previamente. Não se espera apenas a reconstituição do argumento de cada autor, mas a identificação de seus pressupostos, das operações conceituais realizadas, dos problemas que o texto permite formular e de seus limites diante de diferentes contextos históricos e empíricos.

O seminário não será organizado como uma sequência de autores independentes. Cada encontro deverá recuperar problemas e categorias discutidos anteriormente, permitindo que os conceitos sejam confrontados, deslocados e aplicados a diferentes objetos.

Em alguns encontros será realizada uma reflexão empírica, na qual os conceitos discutidos serão aplicados coletivamente a casos relacionados às pesquisas dos estudantes ou selecionados pelo professor.

No encontro dedicado aos neoliberalismos religiosos em perspectiva comparada, parte das leituras será distribuída entre grupos. Todos os estudantes deverão ler os textos comuns, enquanto cada grupo ficará responsável por reconstruir um dos casos nacionais ou institucionais propostos.

5. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

5.1. Participação oral qualificada nos debates – 20%

Cada encontro exige leitura prévia e participação ativa na discussão coletiva. A avaliação considerará a capacidade de reconstruir oralmente os argumentos dos textos, relacioná-los às leituras anteriores, formular perguntas ou objeções pertinentes e responder às colocações dos colegas e do professor.

A presença física, isoladamente, não corresponde à participação qualificada. Serão observados o envolvimento continuado com o curso, a consistência das intervenções e a capacidade de contribuir para a construção coletiva dos problemas.

5.2. Seminário analítico – 30%

Apresentação individual ou em dupla de um dos encontros do curso. O seminário não deverá funcionar como resumo expositivo ou apresentação sucessiva das partes de um texto. Espera-se uma reconstrução crítica do problema, do argumento e das categorias mobilizadas pelos autores.

A apresentação deverá relacionar as leituras do encontro aos eixos gerais da disciplina e incluir um material empírico que permita testar, deslocar ou problematizar os conceitos discutidos.

5.3. Trabalho final – 50%

Elaboração de um artigo que mobilize pelo menos dois dos eixos teóricos trabalhados na disciplina e os articule a um problema de pesquisa ou objeto empírico.

Para estudantes de mestrado, sugere-se um texto de 12 a 15 páginas. Para estudantes de doutorado, sugere-se um texto de 15 a 20 páginas.

Serão considerados:

- a) a formulação do problema;
- b) a consistência e a originalidade do argumento;
- c) a apropriação crítica da bibliografia;
- d) a articulação entre teoria e empiria;
- e) a organização interna do texto;
- f) a qualidade da escrita.

A composição numérica será convertida em menção conforme as normas do PPGSOL e da Universidade de Brasília. Será exigida frequência mínima de 75%.

6. PROGRAMA DOS ENCONTROS

UNIDADE I – GENEALOGIAS, FRONTEIRAS E AUTORIZAÇÃO DO RELIGIOSO

ENCONTRO 1 – 17/08/2026 QUEM AUTORIZA O RELIGIOSO?

Problema

Como determinadas práticas, objetos e saberes passam a ser reconhecidos como religiosos, culturais, tradicionais ou comerciais? Quem possui autoridade para nomeá-los, produzi-los e fazê-los circular? O que ocorre quando um objeto inscrito em relações religiosas e comunitárias ingressa em circuitos mercantis, patrimoniais e turísticos e passa a existir como produto relativamente independente de seus produtores?

Leitura obrigatória

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART DA SILVA, Mayra. A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul Global. Sociedade e Estado, Brasília, v. 40, n. 3, 2025.

Material audiovisual

Àkàrà: no fogo da intolerância. Direção de Claudia Chávez. Bahia: Apus Produtora de Conteúdo; Obá Cacauê Produções, 2020. Documentário, 72 min.

Eixos de discussão

Autoridade e autorização; classificação do religioso; circulação de objetos; mercantilização; patrimonialização; tradução cultural; apropriação; despossessão simbólica e econômica.

Atividade

Analisar a transformação do acarajé quando ele se desloca de um circuito religioso e comunitário para circuitos comerciais mais amplos. A discussão deverá observar como a conversão em mercadoria amplia sua circulação, mas também pode deslocar a autoridade sobre sua produção, seus significados e seus usos, fazendo com que o produto escape das mãos de suas produtoras.

ENCONTRO 2 – 24/08/2026 OS CLÁSSICOS COMO PROBLEMA, NÃO COMO CÂNONE

Problema

Em que condições Weber e Durkheim transformaram a religião em objeto da sociologia? Quais problemas sociológicos foram construídos por meio das relações entre religião, racionalização, sacralidade, coesão e diferenciação social? Como ler os clássicos como formuladores de problemas, sem convertê-los em um cânone autossuficiente?

Leitura obrigatória

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. Sociologia e religião: abordagens clássicas. Petrópolis: Vozes, 2009. Seleção dos capítulos sobre Max Weber, p. 71-124, e Émile Durkheim, p. 163-213.

Eixos de discussão

Racionalização; ética; salvação; desencantamento; sagrado e profano; ritual; coesão social; diferenciação.

ENCONTRO 3 – 31/08/2026 SECULARIZAÇÃO: PROCESSO HISTÓRICO OU DIAGNÓSTICO DO DESAPARECIMENTO DA RELIGIÃO?

Problema

O que se seculariza quando falamos em secularização? O conceito se refere ao declínio das crenças, à diferenciação das esferas sociais, à secularização do Estado e do direito ou à transformação das condições sociais de presença da religião? A vitalidade pública do religioso constitui evidência suficiente de dessecularização?

Leitura obrigatória

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. Capítulo 5, “O processo de secularização”.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 43-73, 1998.

Eixos de discussão

Diferenciação; desencantamento; declínio religioso; secularização jurídico-política; dessecularização; religião pública; múltiplas dimensões do secular.

07/09/2026 – Independência do Brasil: não haverá aula.

ENCONTRO 4 – 14/09/2026 DA DEFINIÇÃO À GENEALOGIA DA RELIGIÃO

Problema

É possível elaborar uma definição universal de religião? Em que condições históricas símbolos, crenças e disposições interiores passaram a ser tomados como seu núcleo? O que acontece quando uma categoria moderna é projetada sobre sociedades nas quais religião, política, parentesco, direito e economia não constituíam domínios separados?

Leitura obrigatória

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 263-284, 2010.

NONGBRI, Brent. *Before Religion: A History of a Modern Concept*. New Haven: Yale University Press, 2013. Introdução e conclusão, “After Religion?”.

Eixos de discussão

Definição universal; símbolos; crença e interioridade; disposições; disciplina; poder; projeção retrospectiva; tradução; anacronismo; separação moderna entre religião e secular.

Questão orientadora

A crítica genealógica implica abandonar o conceito de religião ou exige tornar visíveis as condições e os efeitos de seu emprego?

ENCONTRO 5 – 21/09/2026 CRISTIANISMO, TEORIA SOCIAL E FORMAÇÕES DO SECULAR

Problema

Em que medida a sociologia da religião recapitula problemas e narrativas da teologia cristã? Como a história do cristianismo participa da produção moderna das categorias de religião, secularização e racionalização? O secular elimina a religião ou estabelece as condições sob as quais ela pode ser reconhecida, regulada e autorizada publicamente?

Leitura obrigatória

ASAD, Talal. *Formações do secular: cristianismo, islã, modernidade*. São Paulo: Editora Unifesp, 2021. Introdução e capítulo 6.

CASANOVA, José. La secularización repensada: una respuesta a Talal Asad. In: CASANOVA, José. *Genealogías de la secularización*. Barcelona: Anthropos, 2012.

FREITAS, Renan Springer de. A sociologia da religião como recapitulação da teologia cristã: Weber e as raízes proféticas do racionalismo ocidental. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 109-125, 2007.

Leitura de apoio

BURCHARDT, Marian. Governing religious identities: law and legibility in neoliberalism. *Religion*, v. 48, n. 3, p. 436-452, 2018.

MONTERO, Paula. “Religiões públicas” ou religiões na esfera pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 128-150, 2016.

Reflexão empírica

Análise de uma controvérsia brasileira envolvendo reconhecimento estatal, classificação jurídica, patrimonialização, uso do espaço público ou disputa pela autoridade de representar uma tradição religiosa.

UNIDADE II – PODER PASTORAL, GOVERNO DAS CONDUTAS E SUBJETIVAÇÃO NEOLIBERAL

ENCONTRO 6 – 28/09/2026 CRISTIANISMO, PODER PASTORAL E RAZÃO POLÍTICA

Problema

Que forma de poder se constitui no pastorado cristão? Como um poder orientado para a salvação de cada indivíduo e da comunidade como um todo articula obediência, conhecimento das consciências, produção da verdade e direção permanente das condutas? O pastorado desaparece com a secularização das instituições políticas ou suas técnicas são deslocadas e incorporadas às formas modernas de governo?

Leitura obrigatória

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso no Collège de France, 1977–1978. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Aula de 8 de fevereiro de 1978.

CARRETTE, Jeremy. Foucault, religion, and pastoral power. In: FALZON, Christopher; O'LEARY, Timothy; SAWICKI, Jana (org.). *A Companion to Foucault*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2013. p. 368–383.

Leitura de apoio

FOUCAULT, Michel. Pastoral power and political reason. In: CARRETTE, Jeremy R. (org.). *Religion and Culture by Michel Foucault*. New York: Routledge, 1999.

Eixos de discussão

Pastorado cristão; salvação; obediência; direção de consciência; conhecimento individualizante; totalização e individualização; poder pastoral; razão política; governamentalidade.

Questão orientadora

A modernidade política rompeu com o pastorado cristão ou reorganizou suas técnicas em instituições, saberes e práticas seculares?

ENCONTRO 7 – 05/10/2026 CONFISSÃO, VERDADE E FORMAÇÃO ÉTICA DO SUJEITO

Problema

Como o governo das condutas depende da produção de verdades que o sujeito deve reconhecer, declarar e aplicar a si mesmo? De que modo confissão, exame, obediência e práticas corporais participam da constituição de sujeitos éticos? A formação do sujeito no interior de uma tradição normativa deve ser compreendida apenas como submissão ou também como produção de capacidades, desejos e formas de ação?

Leitura obrigatória

FOUCAULT, Michel. About the beginning of the hermeneutics of the self. In: CARRETTE, Jeremy R. (org.). *Religion and Culture by Michel Foucault*. New York: Routledge, 1999.

MAHMOOD, Saba. *Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005. Introdução e capítulo 1

Leitura de apoio

FOUCAULT, Michel. On the government of the living. In: CARRETTE, Jeremy R. (org.). *Religion and Culture by Michel Foucault*. New York: Routledge, 1999.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2019. Introdução.

CARRETTE, Jeremy R. *Foucault and Religion: Spiritual Corporality and Political Spirituality*. London: Routledge, 2000. Capítulo 2, “Silence and Confession”.

Eixos de discussão

Regimes de verdade; confissão; exame; obediência; hermenêutica de si; disciplina; incorporação; agência; norma; formação ética; capacidade.

Questão orientadora

A agência deve ser situada fora das relações de poder e das normas, ou pode ser produzida pelas próprias práticas por meio das quais o sujeito é formado?

12/10/2026 – Nossa Senhora Aparecida: não haverá aula.

ENCONTRO 8 – 19/10/2026 NEOLIBERALISMO, FAMÍLIA E MASCULINIDADE PROVIDORA

Problema

Como o neoliberalismo, longe de dissolver a moralidade tradicional, pode reativar hierarquias familiares, religiosas e de gênero? Que lugar ocupa a figura do homem provedor quando a autonomia econômica prometida pelo neoliberalismo se choca com a impossibilidade estrutural de sustentá-la?

Leitura obrigatória

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019. Capítulo 2, “A moralidade tradicional na razão neoliberal”.

COOPER, Melinda. *Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism*. New York: Zone Books, 2017. Introdução.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART DA SILVA, Mayra; MORAIS, Tiago. *À espera dos bárbaros: neoliberalismo e masculinidade evangélica*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 40, n. 3, 2025.

Eixos de discussão

Privatização da reprodução social; família; autoridade paterna; masculinidade provedora; ressentimento; autonomia; desposseção; moralidade tradicional.

ENCONTRO 9 – 26/10/2026 RESSONÂNCIA, AFETO E PROMESSAS DE FELICIDADE

Problema

As relações entre religião e capitalismo decorrem apenas de afinidades doutrinárias ou são produzidas por ressonâncias afetivas, disposições corporais, ansiedades e promessas de proteção? Como o apego a uma promessa estruturalmente inalcançável, o otimismo cruel, pode produzir permanência em vez de desistência?

Leitura obrigatória

CONNOLLY, William E. The evangelical-capitalist resonance machine. *Political Theory*, v. 33, n. 6, p. 869-886, 2005.

BERLANT, Lauren. *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press, 2011. Introdução.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Pablo. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-580, 2021.

Leitura de apoio

ILLOUZ, Eva. *Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism*. Cambridge: Polity Press, 2007. Capítulo 1.

MAVELLI, Luca. Neoliberalism as religion: sacralization of the market and post-truth politics. *International Political Sociology*, v. 14, n. 1, p. 57-76, 2020.

Eixos de discussão

Ressonância; afeto; humilhação; ressentimento; otimismo cruel; promessa; sofrimento; permanência; identificação; sacralização do mercado.

Questão orientadora

A caracterização do neoliberalismo como religião esclarece seu funcionamento ou amplia excessivamente o conceito de religião criticado na primeira unidade?

02/11/2026 – Finados: não haverá aula.

ENCONTRO 10 – 09/11/2026 NEOLIBERALISMOS RELIGIOSOS EM PERSPECTIVA COMPARADA

Problema

Existe uma relação singular entre protestantismo e neoliberalismo ou diferentes tradições, organizações e dispositivos religiosos podem participar da produção de sujeitos responsáveis por sua própria sobrevivência, da privatização dos riscos sociais e da moralização das desigualdades? Como religião, mercado, Estado, família, desenvolvimento, assistência e trabalho se articulam em diferentes configurações nacionais?

Leituras comuns obrigatórias

GAUTHIER, François; MARTIKAINEN, Tuomas; WOODHEAD, Linda. Introduction: religion in market society. In: MARTIKAINEN, Tuomas; GAUTHIER, François (org.). *Religion in the Neoliberal Age: Political Economy and Modes of Governance*. Farnham: Ashgate, 2013. p. 1-18.

BUGG, Laura Beth. Religion as labor control: corporate chaplaincy and the privatization of risk under H-2A. *Critical Sociology*, OnlineFirst, 2026. DOI: 10.1177/08969205251413491.

Leituras obrigatórias distribuídas entre os grupos

Grupo 1 – Organizações religiosas, família e reprodução social na Turquia

ATALAY, Zeynep. Partners in patriarchy: faith-based organizations and neoliberalism in Turkey. *Critical Sociology*, v. 45, n. 3, p. 431-445, 2019. DOI: 10.1177/0896920517711488.

Grupo 2 – Privatização do bem-estar nos Estados Unidos

HACKWORTH, Jason. *Faith Based: Religious Neoliberalism and the Politics of Welfare in the United States*. Athens: University of Georgia Press, 2012. Introdução e capítulo selecionado.

Grupo 3 – Caridade islâmica e desenvolvimento no Egito

ATIA, Mona. *Building a House in Heaven: Pious Neoliberalism and Islamic Charity in Egypt*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013. Capítulo 6, “Islamic ‘Life Makers’ and Faith-Based Development”.

Grupo 4 – Mercado, Estado e nacionalismo hindu na Índia

CHACKO, Priya. Marketizing Hindutva: the state, society, and markets in Hindu nationalism. *Modern Asian Studies*, v. 53, n. 2, p. 377-410, 2019.

Grupo 5 – Salvação, classe e distinção na África urbana

BURCHARDT, Marian. Salvation as cultural distinction: religion and neoliberalism in urban Africa. *Cultural Sociology*, v. 14, n. 2, p. 160-179, 2020.

Leitura complementar transversal

GUEST, Mathew. *Neoliberal Religion: Faith and Power in the Twenty-First Century*. London: Bloomsbury Academic, 2022. Capítulo 6, “Religion and the Entrepreneurial Self”.

Dinâmica

Todos os estudantes deverão ler os textos de Gauthier, Martikainen e Woodhead e de Laura Beth Bugg. Os demais textos serão distribuídos entre os grupos.

Cada grupo deverá reconstruir o caso estudado e responder às seguintes questões:

- Qual problema social, econômico ou político a religião é convocada a administrar?
- Que tipo de sujeito a intervenção religiosa procura produzir?
- Quais riscos ou responsabilidades são transferidos do Estado, da empresa ou da coletividade para o indivíduo e a família?
- Como se reorganizam as relações entre religião, mercado e Estado?
- Em que ponto a religião funciona como legitimação, assistência, disciplina ou possibilidade de contestação?

ENCONTRO 11 – 16/11/2026 TRABALHO RELIGIOSO, EMPREGABILIDADE E ECONOMIA PASTORAL

Problema

Como instituições religiosas administram trabalho, precariedade, sacrifício e promessa de prosperidade? De que modo a produção do sujeito empreendedor pode coexistir com relações de dependência, vulnerabilidade e controle pastoral? Qual é a relação entre a antiga noção cristã de oikonomia e as formas contemporâneas de governo econômico e religioso?

Leitura obrigatória

REINHARDT, Bruno. Oikonomia pentecostal: reflexões teológico-econômicas sobre religião e neoliberalismo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 36, n. 105, e3610510, 2021.

HENNIGAN, Brian; PURSER, Gretchen. Jobless and Godless: religious neoliberalism and the project of evangelizing employability in the US. Ethnography, v. 19, n. 1, p. 84-104, 2018.

Leitura de apoio

LESHEM, Dotan. The Origins of Neoliberalism: Modeling the Economy from Jesus to Foucault. New York: Columbia University Press, 2016. Capítulo 6, “From Ecclesiastical to Market Economy”.

Eixos de discussão

Trabalho religioso; empregabilidade; capital humano; sacrifício; vocação; desempenho; dependência; economia pastoral; oikonomia; secularização da economia.

UNIDADE III – CONTRACONDUTA, HEGEMONIA E DISPUTAS POLÍTICAS

ENCONTRO 12 – 23/11/2026 A RACIONALIDADE QUE GOVERNA COMO GRAMÁTICA DA RECUSA

Problema

Em que condições os dispositivos destinados a assegurar obediência produzem sujeitos capazes de contestar a autoridade institucional? A contracconduta representa uma exterioridade ao poder ou uma rearticulação das racionalidades produzidas no seu interior?

Leitura obrigatória

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso no Collège de France, 1977–1978. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Aula de 1º de março de 1978.

DAVIDSON, Arnold I. In praise of counter-conduct. History of the Human Sciences, v. 24, n. 4, p. 25–41, 2011.

GRACINO JUNIOR, Paulo; DE JESUS, Armindo; PY, Fábio. “Wasn’t This Church a Business?”: Counter-Conduct and Postcolonial Sovereignty in the IURD Angola Schism. Manuscrito, 2026.

Eixos de discussão

Governo pastoral e subjetividade empreendedora; economia moral do sacrifício; dependência institucional; a figura do “velho profeta” como tecnologia de exclusão; contracconduta empresarial; soberania pós-colonial; o Estado como terreno de disputa.

Questão orientadora

Como a racionalidade empreendedora produzida pela igreja pôde ser rearticulada como critério de crítica à própria hierarquia institucional?

O artigo será analisado como ponto de passagem entre as duas últimas unidades. A racionalidade empreendedora ensinada pela instituição pode ser rearticulada contra sua estrutura hierárquica quando convergem uma promessa de autonomia estruturalmente negada, a construção de um antagonista reconhecível e uma linguagem de soberania capaz de ampliar politicamente as demandas.

Problema

Como experiências dispersas de sofrimento, injustiça ou desposseção são transformadas em identidade coletiva? Os sujeitos políticos existem antes da mobilização ou são constituídos no próprio processo de nomeação, reunião, representação e antagonização?

Leitura obrigatória

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical. Tradução de Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015. Seleção do capítulo sobre articulação, antagonismo e hegemonia.

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Introdução.

Material empírico

Vídeos, pronunciamentos públicos e performances coletivas produzidos durante o cisma da Igreja Universal do Reino de Deus em Angola.

Eixos de discussão

Performatividade; nomeação; cadeias de equivalência; fronteiras antagônicas; assembleia; mídia; representação; produção pública do sujeito coletivo.

ENCONTRO 14 – 07/12/2026 RESSENTIMENTO, DESPOSSEÇÃO E ARTICULAÇÃO POPULISTA**Problema**

Como ressentimento, desposseção e masculinidade provedora, discutidos na Unidade II como formas de subjetivação, são convertidos em identidade política por meio de cadeias de equivalência? O que diferencia um afeto disperso de um sujeito coletivo mobilizável? Como a religião contribui para nomear o antagonista, organizar uma comunidade moral e representar demandas heterogêneas como partes de uma mesma crise?

Leitura obrigatória

BURITY, Joanildo. Minoritização, religião pública e populismo religioso no Brasil. REVER: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 24, p. 11-27, 2024.

BRUBAKER, Rogers. Why populism? Theory and Society, v. 46, n. 5, p. 357-385, 2017.

Material audiovisual

Apocalypse nos Trópicos. Direção de Petra Costa. Brasil: Busca Vida Filmes; Netflix, 2025. Documentário, 110 min.

Retomada analítica

O caso da adesão evangélica ao bolsonarismo, discutido no Encontro 9, será retomado sem nova leitura, agora à luz das categorias de articulação, antagonismo, representação e cadeia de equivalência.

Os casos da Turquia, do Egito, dos Estados Unidos e da Índia examinados no Encontro 10 também poderão ser mobilizados para a comparação entre diferentes formas de articulação política da religião, da família, do mercado e da moralidade.

ENCONTRO 15 – 14/12/2026 AUTORIDADE, RECONHECIMENTO E DISPUTAS PELA PRESENÇA PÚBLICA**Problema**

Como tradições historicamente subordinadas disputam a autoridade para nomear suas práticas, controlar seus objetos e definir suas formas legítimas de presença pública? Como reconhecimento, patrimonialização, mercantilização e representação política podem ampliar a visibilidade de uma tradição e, ao mesmo tempo, retirar de seus agentes o controle sobre seus significados e modos de circulação?

Leitura obrigatória

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. A política dos terreiros contra o racismo religioso e as políticas cristofascistas. Debates do NER, Porto Alegre, n. 40, 2021.

VITAL DA CUNHA, Christina. Ativismo negro e religioso: o caso da Frente Parlamentar de Terreiros no Congresso Nacional Brasileiro. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 40, 2021.

Material audiovisual

Nosso Sagrado. Direção de Fernando Sousa, Gabriel Barbosa e Jorge Santana. Brasil, 2018. Documentário.

Eixos de discussão

Autorização; representação; reconhecimento; presença pública; tradução jurídica; patrimonialização; ativismo; controle dos objetos e dos modos de circulação.

Expressões como “racismo religioso” serão observadas como categorias mobilizadas pelos próprios agentes, movimentos, instituições e textos analisados. O objetivo não será adotá-las previamente como explicação sociológica,

mas compreender as situações nas quais são enunciadas, os antagonismos que constroem e as reivindicações de autoridade que tornam possíveis.

Atividade final

Apresentação dos problemas, objetos e argumentos preliminares dos trabalhos finais, seguida de balanço coletivo da disciplina.

7. SÍNTESE DA ARQUITETURA DO CURSO

UNIDADE I – GENEALOGIAS E AUTORIZAÇÃO

A religião é tratada como uma categoria produzida por práticas de classificação, disputas de autoridade, dispositivos jurídicos, instituições estatais e regimes historicamente situados de conhecimento. A unidade parte de um problema empírico de circulação e autorização, reconstrói o tratamento clássico da religião, discute a secularização e chega à genealogia da separação moderna entre religião e secular.

UNIDADE II – PODER PASTORAL, GOVERNO E SUBJETIVAÇÃO

A análise se desloca das instituições religiosas consideradas apenas como organizações para as racionalidades, técnicas, afetos e práticas por meio das quais sujeitos são formados e conduzidos. Família, masculinidade, trabalho, assistência, sofrimento, promessa, ressentimento, consumo e economia moral são examinados como dimensões da subjetivação neoliberal. A comparação permite observar diferentes formas de privatização do bem-estar e dos riscos e diferentes modos de participação da religião no governo das condutas.

UNIDADE III – ARTICULAÇÃO E CONTESTAÇÃO

O problema passa a ser como as subjetividades produzidas por esses dispositivos se tornam disponíveis para novas articulações. A unidade acompanha a passagem da contraconduta à formação de sujeitos coletivos, examinando como afetos, experiências de despossessão e demandas por autoridade podem sustentar tanto articulações conservadoras quanto formas de contestação e contra-hegemonia.

8. QUADRO-SÍNTESE DOS ENCONTROS

Unidade	Encontro	Data	Tema
I	1	17/08/2026	Quem autoriza o religioso?
I	2	24/08/2026	Os clássicos como problema, não como cânone
I	3	31/08/2026	Secularização: processo histórico ou diagnóstico do desaparecimento da religião?
—	—	07/09/2026	<i>Independência do Brasil – não haverá aula</i>
I	4	14/09/2026	Da definição à genealogia da religião
I	5	21/09/2026	Cristianismo, teoria social e formações do secular
II	6	28/09/2026	Cristianismo, poder pastoral e razão política
II	7	05/10/2026	Confissão, verdade e formação ética do sujeito
—	—	12/10/2026	<i>Nossa Senhora Aparecida – não haverá aula</i>
II	8	19/10/2026	Neoliberalismo, família e masculinidade provedora
II	9	26/10/2026	Ressonância, afeto e promessas de felicidade
—	—	02/11/2026	<i>Finados – não haverá aula</i>
II	10	09/11/2026	Neoliberalismos religiosos em perspectiva comparada
II	11	16/11/2026	Trabalho religioso, empregabilidade e economia pastoral
III	12	23/11/2026	A racionalidade que governa como gramática da recusa
III	13	30/11/2026	Da contraconduta à articulação hegemônica
III	14	07/12/2026	Ressentimento, despossessão e articulação populista
III	15	14/12/2026	Autoridade, reconhecimento e disputas pela presença pública